

ESTADOS DA EMANCIPAÇÃO DA ALMA

O LIVRO DOS ESPÍRITOS

obra codificada por Allan Kardec
Livro Segundo - qq. 425 à 455

Pesquisa, diagramação e composição: Elio Mollo

V - O SONAMBULISMO

425. O sonambulismo natural é um estado de independência da alma, mais completo que no sonho; então as faculdades adquirem maior desenvolvimento. A alma tem percepções que não atinge no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito.

No sonambulismo, o Espírito está na posse total de si mesmo; os órgãos materiais, estando de qualquer forma em catalepsia, não recebem mais as impressões **exteriores**. Esse estado se manifesta sobretudo durante o sono; é o momento em que o Espírito pode deixar provisoriamente o corpo, que se acha entregue ao repouso indispensável à matéria. Quando se produzem os fatos do sonambulismo, é que o Espírito preocupado com uma coisa ou outra, se entrega a alguma ação que exige o uso de seu corpo, do qual se serve como se empregasse uma mesa ou qualquer outro objeto material, nos fenômenos de manifestações físicas, ou mesmo a vossa mão nas comunicações escritas. Nos sonhos de que se tem consciência, os órgãos, inclusive os da memória, começam a despertar e recebem imperfeitamente as impressões produzidas pelos objetos ou as causas exteriores, e as comunicam ao Espírito que, também se encontrando em repouso, só percebe sensações confusas e freqüentemente fragmentadas, sem nenhuma razão de ser aparente, misturadas que estão de vagas recordações, seja desta existência, seja de existências anteriores. É, portanto, fácil compreender, porque os sonâmbulos não se lembram de nada e porque os sonhos de que conservam a lembrança na maioria das vezes não tem sentido. Digo na maioria das vezes, porque acontece também serem eles a consequência de uma recordação precisa de acontecimentos de uma vida anterior, e, algumas vezes, até uma espécie de intuição do futuro.

426. O chamado sonambulismo magnético é o mesmo que o natural, com a diferença de ser provocado.

427. A natureza do agente chamado magnético é o do fluido vital, eletricidade animalizada, que são modificações do fluido universal.

428. Na clarividência sonambúlica é a alma que vê.

429. Não há corpos opacos, senão os órgãos grosseiros. Para o Espírito, a matéria não oferece obstáculos, pois ele a atravessa livremente. Com freqüência ele vos diz que vê pela testa, pelo joelho, etc. é difícil entendermos, isto, porque estamos acostumados a ver só com olhos materiais, não compreendemos como um Espírito possa ver sem o auxílio dos órgãos. Mas se o deixássemos livre, compreenderíamos que ele vê por todas as partes do corpo, ou, para melhor dizer, é fora do corpo que ele vê.

430. Não é dado aos Espíritos imperfeitos tudo ver e tudo conhecer, muitas vezes eles se enganam; eles ainda participam dos mesmos erros e prejuízos humanos; e, depois, quando estão ligados à matéria não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. Deus deu ao homem esta faculdade com um fim útil e sério, e não para que ele aprenda o que não deve saber; eis porque os sonâmbulos não podem dizer tudo.

431. A fonte das idéias inatas do sonâmbulo, e que ele pode falar com exatidão de coisas que ignora no estado de vigília, e que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual, é que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que podemos imaginar, somente que eles se encontram adormecidos, porque o corpo físico é bastante imperfeito para que ele possa recordá-los. Em última análise, o sonâmbulo é um Espírito encarnado, para cumprir sua missão, e o estado em que ele entra o desperta dessa letargia. Revivemos muitas vezes; e essa mudança é que lhe faz perder materialmente o que conseguiu aprender na existência precedente. Entrando no estado a que chamamos de crise, ele se lembra, mas sempre de maneira incompleta; ele sabe, mas não poderia dizer de onde lhe vem o conhecimento, nem como o possui. Passada a crise, toda a lembrança se apaga e ele volta à obscuridade.

NOTA DE ALLAN KARDEC: A experiência mostra que os sonâmbulos recebem também com unicações de outros Espíritos, que lhes transmitem o que eles devem dizer e suprem a sua insuficiência. Isto se vê, sobretudo, nas prescrições médicas: O Espírito do sonâmbulo vê o mal, o outro lhe indica o remédio. Esta dupla ação é algumas vezes patente, e se revela outras vezes pelas suas expressões bastante freqüentes: dizem -me que diga: ou, proibem-me dizer tal coisa. Neste último caso é sempre perigoso insistir em obter a revelação recusada, porque então se dá lugar aos Espíritos levianos, que falam de tudo sem escrúpulos e sem se interessarem pela verdade.

432. A visão a distância, em alguns sonâmbulos é que a alma se transporta, durante o sono.

433. O desenvolvimento maior ou menor da clarividência sonambúlica depende da organização física ou da natureza do Espírito encarnado; há disposições físicas que permitem o Espírito libertar-se mais ou menos facilmente da matéria.

434. Até certo ponto, as faculdades de que o sonâmbulo desfruta e semelhante a do Espírito após a morte, só não é a mesma, porque é necessário ter em conta a influência da matéria, a que ele ainda se acha ligado.

435. A maioria dos sonâmbulos pode ver muito bem outros Espíritos; isso depende do grau e da natureza da lucidez de cada um; mas às vezes ele não o compreende, de início, e os toma por seres corporais. Isso acontece, sobretudo, com os que não tem nenhum conhecimento do Espiritismo; eles ainda não compreendem a natureza dos Espíritos, o fato os espanta, e é por isso que julgam estar vendo pessoas vivas.

NOTA DE ALLAN KARDEC: O mesmo efeito se produz no momento da morte, entre os que ainda se julgam vivos. Nada ao seu redor lhes parece modificado, os Espíritos lhes aparecem como tendo corpos semelhantes aos nossos, e eles tomam a aparência de seus próprios corpos como corpos reais.

436. Como já foi dito no sonâmbulo é a alma que vê e não o corpo, e por isso que ele consegue ver a distância.

437. O sonâmbulo experimenta no corpo as sensações de calor ou de frio do lugar em que se encontra a sua alma, mesmo que esteja bem longe do seu corpo, porque a alma não deixou inteiramente o seu corpo, ela permanece sempre ligada a ele pelo laço fluídico que os une, e é esse laço o condutor das sensações. Quando duas pessoas se correspondem entre uma cidade e outra, por meio da eletricidade, está, o laço entre os seus pensamentos; é graças a esta que elas se comunicam, como se estivessem uma ao lado da outra.

438. O uso que um sonâmbulo faz da sua faculdade influi muito, no seu estado de Espírito após sua morte, como o uso que fez bom ou mal, como é de todas as faculdades que Deus concedeu ao homem.

PESQUISA:

sonambulismo (do lat. *somnus*, sono, e *ambulare*, marchar, passear), estado de emancipação da alma mais completo do que no sonho.

O sonho é um sonambulismo imperfeito. No sonambulismo a lucidez da alma, isto é, a faculdade de ver, que é um dos atributos de sua natureza, é mais desenvolvida. Ela vê as coisas com mais precisão e nitidez, o corpo pode agir sob o impulso da vontade da alma.

O esquecimento absoluto no momento do despertar é um dos sinais característicos do verdadeiro sonambulismo, visto que a independência da alma e do corpo é mais completa do que no sonho.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Sonambulismo Natural: o que é espontâneo e se produz sem provocação e sem influência de nenhum agente exterior.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Sonambulismo Magnético ou artificial, o que é provocado pela ação que uma pessoa exerce sobre a outra por meio do fluido magnético que esta derrama sobre aquela.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

Médiuns sonâmbulos – Os que, em transe sonambúlico, são assistidos por Espíritos.

Allan Kardec no livro “**O Livro dos Médiuns**”.

sonâmbulo [Do fr. *somnambule*.] Adj. S. m. 1. Diz-se de pessoa que anda, fala e se levanta durante o sono; noctâmbulo. 2. Diz-se de pessoa que age automaticamente, de maneira desconexa. 3. Que não tem nexos; disparatado. 4. Indivíduo sonâmbulo. [Cf. sonambulo, do v. sonambular.]

(Aurélio)

Médiuns sonâmbulos

172. O sonambulismo pode ser considerado como uma variedade da faculdade mediúnica, ou melhor, trata-se de duas ordens de fenômenos que se encontram freqüentemente reunidos. O sonâmbulo age por influência do seu próprio Espírito. É a sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe além dos limites dos sentidos. O que ele diz procede dele mesmo. Em geral, suas idéias são mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos são mais amplos porque sua alma está livre. Numa palavra, ele vive por antecipação a vida dos Espíritos. (*)

(*) **NOTA DE J. HERCULANO PIRES:** A hipótese de projeção do eu, hoje sustentada por alguns psicólogos e parapsicólogos, é uma evidente aproximação deste princípio espírita. A independência da alma vai aos poucos se confirmando.

O médium, pelo contrário, serve de instrumento a outra inteligência. É passivo e o que diz não é dele. (**) Em resumo: o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento e o médium exprime o pensamento do outro. Mas o Espírito que se comunica através de um médium comum pode também fazê-lo por um sonâmbulo. Freqüentemente mesmo o estado de emancipação da alma, no estado sonambúlico, torna fácil essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com a mesma precisão dos médiuns videntes. Podem conversar com eles e transmitir -nos o seu pensamento. Assim, o que eles dizem além do círculo de seus conhecimentos pessoais lhes é quase sempre sugerido por outros Espíritos.

() NOTA DE J. HERCULANO PIRES:** Não confundir a passividade voluntária do médium, que presta serviço ao Espírito comunicante, com a passividade hipnótica, por sujeição, de que alguns adversários do Espiritismo acusam a mediunidade.

Eis, a seguir, um exemplo notável da ação simultânea do Espírito do sonâmbulo e do outro Espírito, que se revelam de maneira inequívoca.

173. Um dos nossos amigos usava como sonâmbulo um rapazinho de 14 para 15 anos, de inteligência bastante curta e de instrução extremamente limitada. Em estado sonambúlico porém, dava provas de extraordinária lucidez e grande perspicácia. Isso principalmente no tratamento de doenças, tendo feito numerosas curas consideradas impossíveis.

Certo dia, atendendo a um doente, descreveu a sua moléstia com absoluta exatidão.

— Isto não basta, lhe disseram, agora é necessário indicar o remédio.

— Não posso, respondeu ele, meu anjo doutor não está aqui.

— A quem chama você de anjo doutor?

— Aquele que dita os remédios.

— Então não é você mesmo que vê os remédios?

— Oh, não, pois não estou dizendo que é o meu anjo doutor que os indica?

Assim, nesse sonâmbulo, quem via a doença era o seu próprio Espírito, que para isso não precisava de assistência. Mas a indicação dos remédios era feita por outro Espírito. Se esse não estivesse presente, ele nada podia dizer. Sozinho, ele era apenas sonâmbulo; assistido pelo que chamava de seu anjo doutor, era médium sonâmbulo.

174. A faculdade sonambúlica é uma faculdade que depende do organismo e nada tem a ver com a elevação, o adiantamento e a condição moral do sujeito. Um sonâmbulo pode, pois, ser muito lúcido e incapaz de resolver certas questões, se o seu Espírito for pouco adiantado. O sonâmbulo que fala por si mesmo pode dizer, portanto, coisas boas ou más, certas ou falsas, usar de maior ou menor delicadeza e escrúpulos no seu procedimento, segundo o grau de elevação ou de inferioridade do seu próprio Espírito. É nesse caso que a assistência de outro Espírito pode suprir as suas deficiências.

Mas um sonâmbulo pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou até mesmo mau, como acontece com os médiuns. Nisto, sobretudo, é que as qualidades morais tem grande influência, por atraírem os Espíritos bons.

(Allan Kardec no livro “**O Livro dos Médiuns**”.)

Obs: O sonambulismo, em si mesmo, é um fenômeno puramente anímico, não -mediúnico, mas quando, por meio dele, o sensitivo entra em relação com Espírito ou Alma, o sonâmbulo passa a desempenhar o papel de médium.

Demétrio Pável Bastos no livro “ MÉDIUM QUEM É QUEM NÃO É ”

RESUMO:

O sonambulismo é um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem as suas faculdades. A alma tem então percepções que não dispõe no sono, que é um estado de sonambulismo imperfeito. Quando se produzem os fatos de sonambulismo, é que o Espírito se aplica a uma ação qualquer para cuja prática necessita utilizar -se do corpo. Serve-se então deste, como uma pessoa se serve de uma mesa ou de qualquer outro objeto material, no fenômeno das manifestações físicas, ou mesmo como o Espírito quando se utiliza da mão do médium, nas comunicações escritas. A pessoa sonambulizada possui mais conhecimentos do que aqueles que pensamos possuir. Entretanto no estado a que se chama “crise”, lembra -se de muita coisa de que não se lembrava na matéria.

B. Godoy Paiva no livro “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”

VI - ÊXTASE

439. A diferença entre o êxtase e o sonambulismo é que o êxtase é um sonambulismo mais apurado; a alma do extático é ainda mais independente.

440. O Espírito do extático penetra realmente nos mundos superiores, ele os vê e compreende a felicidade dos que os habitam: é por isso que desejaria permanecer neles. Mas há mundos inacessíveis aos Espíritos que não estão bastante depurados.

441. Essa faculdade depende muito do grau de depuração do Espírito; se ele vê a sua posição futura melhor que a vida presente, faz esforços para romper os laços que o prendem à Terra.

442. Se abandonarmos o extático a si mesmo, sua alma poderá abandonar definitivamente o corpo e morrer, e é por isso que devemos chamá-lo por meio de tudo o que pode prendê-lo a este mundo, e sobretudo fazendo-lhe entrever que, se quebrasse a cadeia que o retém aqui, seria esse o verdadeiro meio de não ficar lá, onde vê que seria feliz.

443. O que o extático vê é real para ele; mas, como o seu Espírito está sempre sob a influência das idéias terrenas, ele pode ver à sua maneira, ou, melhor dito, exprimir -se numa linguagem de acordo com os seus preconceitos e com as idéias em que foi criado, ou com as vo ssas, a fim de melhor se fazer compreender. É sobretudo nesse sentido que ele pode errar.

444. O extático pode enganar -se muito freqüentemente, sobretudo quando ele quer penetrar aquilo que ele não compreende e, que por enquanto tem que ser um mistério para o homem, sendo assim usa as suas próprias idéias (já que nem ele saberá explicar aquilo que vê) e pode se tornar um juguete para os Espíritos enganadores, **que se aproveitam do seu entusiasmo para o fascinar.**

445. As conseqüências que se podem tirar dos fenômenos do sonambulismo e do êxtase, é a vida passada e futura que o homem entrevê. Que ele estude esses fenômenos, e neles encontrará a solução de muitos mistérios que a sua razão procura inutilmente penetrar.

446. Os fenômenos do sonambulismo e do êxtase não tem condições de se acomodar ao materialismo, pois aqueles que o estudam de boa -fé e sem prevenções não pode ser materialista nem ateu.

PESQUISA:

Êxtase [Do gr. *ékstasis*, pelo lat. *extase*.] S. m. [Cf. *estase*.] 1. Arrebatamento íntimo; enlevo, arruobo, encanto. 2. Admiração de coisas sobrenaturais; pasmo, assombro. 3. Psiq. Fenômeno observado na histeria e nos delírios místicos, e que consiste em sentimento profundo e indizível que aparenta corresponder a enorme alegria, mas que

é mesclado de certa angústia: fica o paciente quase de todo imobilizado, parecendo haver perdido qualquer contato com o mundo exterior.

(Aurélio)

Êxtase: (do pr. *ekstasis*, arrebatamento, arroubo de espírito; feito de existêmi, tomar de espanto); paroxismo da emancipação da alma durante a vida corporal, de que resulta a suspensão momentânea das faculdades perceptivas e sensitivas dos órgãos. Neste estado a alma não se prende mais ao corpo senão por laços fracos, que ela procura partir; pertence mais ao mundo dos Espíritos, que ela entrevê, do que ao mundo material. O êxtase é, algumas vezes, natural e espontâneo; pode também ser provocado pela ação magnética e, neste caso, é um grau superior de sonambulismo.

Allan Kardec no livro **INSTRUÇÕES PRÁTICAS SOBRE AS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS**

RESUMO:

O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático é ainda mais independente. Pode ver os mundos superiores e compreender a felicidade dos que os habitam, conforme a sua purificação. Entretanto, está sujeita a enganar-se muito, sobretudo quando pretende penetrar no que deva continuar a ser mistério para o homem.

B. Godoy Paiva no livro “*Síntese de O Livro dos Espíritos*”

VII - DUPLA VISTA

447. O fenômeno chamado dupla vista (*) tem relação com o sonho e o sonambulismo. Na dupla vista o Espírito tem maior liberdade, embora o corpo não esteja adormecido. A dupla vista é a vista da alma.

(*) **NOTA DE J. HERCULANO PIRES:** Kardec usou duas expressões: “Segunda vista” e “dupla vista”, com evidente preferência pela primeira. Em português, sendo comum a “dupla vista”, demos preferência a usar “dupla vista”.

448. A faculdade da dupla vista é permanente, mas, o seu exercício, não. Nos mundo menos materiais que o vosso, os Espíritos se desprendem mais facilmente e se põem em comunicação apenas pelo pensamento, sem excluir, entretanto, a linguagem articulada; também a dupla vista é para a maioria uma faculdade permanente; seu estado normal pode ser comparado ao dos vossos sonâmbulos lúcidos, e essa é também a razão por que eles se manifestam para nós mais facilmente do que os encarnados de corpos mais grosseiros.

449. A dupla vista se desenvolve espontaneamente ou pela vontade. A vontade desempenha um grande papel. Podemos tomar por exemplo certas pessoas chamadas leitoras da sorte, algumas das quais possuem essa faculdade, e verás que a vontade as ajuda a entrar no estado de dupla vista e nisso a que chamais de visão.

450. A dupla vista é suscetível de se desenvolver pelo exercício, o trabalho sempre conduz ao progresso, e o véu que encobre as coisas se torna transparente.

450a. Nesta faculdade, a organização física desempenha o seu papel; há organizações que se mostram refratárias.

451. Muitas vezes numa família, muitos membros possuem a faculdade da dupla vista, isto se deve, a similitude de organizações, que se transmite, como as outras qualidades físicas; e

depois, o desenvolvimento da faculdade, por uma espécie de educação, que também se transmite de um para o outro.

452. Em certas circunstâncias, pessoas desenvolvem a dupla vista, em algumas doenças, na proximidade de um perigo, uma grande comoção, pode desenvolvê-la. O corpo se encontra às vezes num estado particular, que permite ao Espírito ver o que não podeis ver com os olhos do corpo.

NOTA DE ALLAN KARDEC: Os tempos de crise e de calamidades, as grandes emoções, todas as causas, enfim, de superexcitação moral provocam às vezes o desenvolvimento da dupla vista. Parece que a providência, em presença do perigo, um meio de nos conjurar(convocar). Todas as seitas e todos os partidos perseguidos oferecem numerosos exemplos a respeito.

453. As pessoas dotadas de dupla vista nem sempre tem consciência disso; para elas, é coisa inteiramente natural, e muitas dessas pessoas acreditam que, se todos se observassem nesse sentido, perceberiam ser como elas.

454. Podemos atribuir a uma espécie de dupla vista a perspicácia de certas pessoas que, sem nada terem de extraordinário, julgam as coisas com mais precisão do que outras, pois, podemos dizer que a alma irradia mais livremente e julga melhor do que sob o véu da matéria.

454a. Esta faculdade pode, em certos casos, dar a presciência das coisas (pressentimentos), porque há muitos graus desta faculdade, e o mesmo indivíduo pode ter todos os graus ou não ter mais que alguns.

PESQUISA:

Dupla vista. É o mesmo que segunda vista, Clarividência.

Segunda vista. É o mesmo que dupla vista, Clarividência.

Clarividência (de *clari* + *vidência*). Faculdade de conhecimento extra-sensorial consistente em pacientes, em estado sonambúlico, de transe ou de vigília, perceberem imagens ou acontecimentos a longa distância – consequentemente por meio de obstáculos, isto é, de corpos opacos.

É comum a confusão entre Vidência e Clarividência. Parece-nos que J. Grasset a notou, pois que, ao falar de médiuns videntes e clarividentes, declarou deixar à palavra Clarividência o seu significado etimológico de faculdade de ver por meio de corpos opacos, portanto a distância pouca ou longa.

Kardec empregou o termo, pela primeira vez, em **O Livro dos Espíritos**. Quando se referia à faculdade, ora falava em Clarividência, ora em Clarividência Sonambúlica, ora em Dupla Vista, ora em Segunda Vista.

R. Tischner escreve:

“Entendemos por clarividência o conhecimento extra-sensorial de fatos objetivos dos quais não fomos informados, sendo que a percepção pelos sentidos comuns é excluída. Esses fatos (acontecimentos, objetos) devem pois fugir completamente à ação dos sentidos, quer estejam esses acontecimentos e objetos perto do médium (criptoscopia), quer estejam a uma distância que torna inacessíveis aos sentidos (telescopia, clarividência no espaço), quer enfim estejam afastados no tempo (clarividência no tempo); no último caso, é necessário ainda distinguir a vidência no passado (retroscopia) e a vidência no futuro (profecia)”.

Clarividência no Espaço. Faculdade extra-sensória da clarividência que se processa no Espaço. É uma das divisões, proposta por Tischner, da Metagnomia.

Clarividência no Tempo. Faculdade extra-sensória da clarividência que se processa no tempo.

Clarividência Onírica. Estado em que o indivíduo, (e a fenomenologia supranatural está repleta de casos semelhantes), sonha que uma pessoa, que ele não pode reconhecer, morreu dessa ou daquela maneira, o que se

realiza a seu tempo ou logo após, como ocorreu, conforme relato de Emilio Servadio, com José Desilla, que sonhou estar com uma pessoa, que lhe comunica ter sido astro de cinema norte-americano e ter tido uma morte em determinadas circunstâncias. Dois dias depois, José Desilla vem a saber, pelos jornais, da morte de Lon Chaney, famoso artista cinematográfico, que morrera nas mesmas circunstâncias relatadas no sonho.

Clarividência sonambúlica. Faculdade extra-sensória da clarividência que se processa no estado de sonambulismo.

É uma das divisões, propostas por Tischner, da Metagnomia. É expressão empregada por Allan Kardec.

Clarividência Telepática. Leitura a distância na mente de pacientes.

Clarividência Teletésica. Faculdade paranormal em que o sensitivo tem percepção de paisagens ou objetos a longa distância. É definição de Ernesto Bozzano.

Clarividência Xenoglóssica. Faculdade em que o médium recebe, pela mediunidade de clarividência, mensagens em línguas estrangeiras. É expressão e definição de José Martim. É o mesmo que Crisptestesia, Dupla Vista, Lucidez. Metagnomia, Panestesia, Telestesia, Vidência, Segunda Vista.

Clarividente (do latim *clarividentem*). Indivíduo com faculdade de Clarividência.

Vidência (de vidente). Faculdade caracterizada pela visão que o médium vidente tem de seres desencarnados ou de coisas pós-tumulares. Boirac reputa Vidência termo impróprio para a percepção que designa. Para substituí-la propõe Metagnomia.

Vidente (do latim *videntem*). Médium que possui a faculdade de vidência.

Metagnomia (do grego *metá + gnome + ia*) É o mesmo que Clarividência, Crisptestesia, Dupla Vista, Segunda Vista, Lucidez, Lucidez Sonambúlica, Metagnosia, Panestesia, Telestesia, Vidência, Segunda Vista. Metagnomia é termo criado por Émile Boirac para designar a faculdade de tomar conhecimento da realidade que está acima das possibilidades da inteligência que funciona em condições chamadas normais.

João Teixeira de Paula no **DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO ILUSTRADO de Espiritismo, Metapsíquica e Parapsicologia**

Médiuns videntes – Os que vêem os Espíritos em estado de vigília. A visão acidental e fortuita de um Espírito, em determinada circunstância, é muito freqüente, mas a visão habitual ou facultativa dos Espíritos, sem qualquer distinção é excepcional.

A condição atual do nosso organismo físico ainda se opõe a essa aptidão. Eis porque é conveniente não acreditar sempre, sem provas, nos que dizem ver os Espíritos.

(Allan Kardec no livro “**O Livro dos Médiuns**”.)

Médiuns videntes

167. Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Há os que gozam dessa faculdade em estado normal, perfeitamente acordados, quando lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico. É raro que esta faculdade seja permanente, sendo quase sempre o resultado de uma crise súbita e passageira.

Podemos incluir na categoria de médiuns videntes todas as pessoas dotadas de segunda-vista. A possibilidade de ver os Espíritos em sonho é também uma espécie de mediunidade, mas não constitui propriamente a mediunidade de vidência. Explicamos esse fenômeno no capítulo VI, Manifestações visuais.

O médium vidente acredita ver pelos olhos, como os que tem dupla-vista, mas na realidade é a alma que vê, e por essa razão eles tanto vêem com olhos abertos ou fechados. (*) Dessa maneira, um cego pode ver os Espíritos como os que tem visão normal.

(*) NOTA DE J. HERCULANO PIRES: Note-se a razão da expressão segunda-vista ou dupla-vista que ressalta claramente dessa explicação de Kardec. A vidência propriamente dita depende do olhos materiais, porque é uma visão anímica, a alma vê fora do corpo. É o que a Parapsicologia chama hoje de percepção extra-sensorial. A dupla-vista se manifesta sempre com um desdobramento da visão normal. Um cego não tem dupla-vista, mas apenas vidência.

Seria interessante fazer um estudo sobre esta questão, verificando se essa faculdade é mais freqüente nos cegos. Espíritos que viveram na Terra como cegos nos disseram que tinham, pela alma, a percepção de alguns objetos e que não estavam mergulhados numa escuridão completa.

Existe um tipo de visão mediúcnica denominada vidência, que ocorre com as pessoas ditas médiuns videntes, “dotadas da capacidade de ver Espíritos”, não acidentalmente, nem em sonho, mas de forma, “senão permanente, pelo menos muito freqüente”.

Existe um segundo grupo de visões, denominadas clarividência, que ocorrem no estado sonâmbulico, que se distinguem da vidência porque se referem à visão de coisas terrenas. Não se trata pois, de mediunidade, mas de animismo, não-mediúcnico.

Existe enfim, um terceiro tipo de visões, denominadas dupla vista; como a clarividência, diz respeito às coisas terrenas, porém distingue-se dela por ocorrer no estado de vigília. Movido por objetivos puramente didáticos, Allan Kardec diz que, no fenômeno da dupla vista, o sensitivo “vê, por assim dizer, através da vista ordinária e como uma espécie de miragem” (LM) trata-se de uma simples comparação destinada a dar idéia de como o sensitivo registra o fenômeno. Ninguém suporá portanto que o codificador estava a ensinar que a dupla vista é um tipo de miragem. A miragem não passa de uma ilusão, ao passo que a dupla vista se refere as coisas reais.

Como o agente da dupla vista não é Espírito, mas Alma (no caso, a do próprio sensitivo), o fenômeno deve ser também classificado como anímico, não-mediúcnico.

Curioso que Allan Kardec, em **O LIVRO DOS ESPÍRITOS** (cap. XIV - item 167), diz que “na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista”; mas em **OBRAS PÓSTUMAS**, lê-se exatamente o contrário: “Podem incluir-se os médiuns videntes na categoria das pessoas que possuem a vista dupla”.

Os Espíritos empregam a expressão dupla vista como sinônimo de segunda vista (**O LIVRO DOS ESPÍRITOS**). A primeira vista é a comum, do corpo físico; a segunda, a da Alma.

Examinando-se o que diz Kardec a respeito de dupla vista (ou segunda vista), chega-se à conclusão de que a expressão é empregada com dois sentidos: um restrito e outro abrangente. O restrito se refere somente ao terceiro tipo de visões, conforme estamos estudando (“miragem”). O abrangente ocorre porque as três ordens de visões são as da Alma, ou seja, registradas pela segunda vista.

Assim, a vidência, a clarividência e a dupla vista (restrita) são fenômenos da dupla vista (abrangente).

Outro fato muito significativo é a resistência oferecida por Kardec para denominar de vidente o indivíduo dotado de dupla vista: “Tem-se empregado a palavra vidente que, embora não exprima com exatidão a idéia, adotaremos até nova ordem, em falta de outra melhor” (**OBRAS PÓSTUMAS**). A fim de podermos classificar os fenômenos mais facilmente, permitir-nos-emos usar as seguintes denominações:

VIDENTE — para nos referir aos que vêem Espíritos.

CLARIVIDENTE SONAMBÚLICO — para nos referir aos que vêem coisas materiais através de corpos opacos, no estado de sonambulismo.

CLARIVIDENTE VIGIL — idem, em vigília (dupla vista restrita).

	SEGUNDO ALLAN KARDEC		SEGUNDO ALEXANDRE AKSAKOF	
VIDENTE	Sensitivo: Fenômeno:	Médium Mediunidade	Sensitivo: Fenômeno:	Médium Espiritismo
CLARIVIDENTE SONAMBÚLICO	Sensitivo: Fenômeno:	Não-médium Não-mediúnico	Sensitivo: Fenômeno:	Médium Animismo
CLARIVIDENTE VIGIL	Sensitivo: Fenômeno:	Não-médium Não-mediúnico	Sensitivo: Fenômeno:	Médium Animismo

Demétrio Pável Bastos no livro “*MÉDIUM QUEM É QUEM NÃO É*”

RESUMO:

A dupla vista é ainda um resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo esteja adormecido. É a vista da alma, e é susceptível de se desenvolver pelo exercício. Há, entretanto, organismos que são refratários a essa faculdade.

B. Godoy Paiva no livro *Síntese de O Livro dos Espíritos*

VIII - RESUMO TEÓRICO DO SONAMBULISMO DO ÊXTASE E DA DUPLA VISTA

455. Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida; mas, entre algumas pessoas, dotadas de organização especial, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético.

O estado designado pelo nome de sonambulismo magnético não difere do sonambulismo natural, senão pelo fato de ser provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural é um fato notório, que ninguém pensa por em dúvida apesar do aspecto maravilhoso dos seus fenômenos.

Que haveria pois, de mais extraordinário ou de mais irracional no sonambulismo magnético, por ser ele produzido artificialmente, como tantas outras coisas? Dizem que os charlatões o tem explorado; mais uma razão para que não seja deixado nas suas mãos. Quando a Ciência se tiver apropriado dele, o charlatanismo terá muito menos crédito entre as massas. Mas enquanto se espera, como o sonambulismo natural ou artificial são um fato, e contra fatos não há argumentos, ele se firma apesar da má vontade de alguns, e isso no próprio seio da Ciência, onde penetra por uma infinidade de portas laterais, em vez de passar pela central. E, quando lá estiver plenamente firmado, será necessário lhe conceder o direito da cidadania.

Para o Espiritismo, o sonambulismo e mais do que um fenômeno fisiológico, é uma luz projetada sobre a Psicologia. É nele que se pode estudar a alma porque é nele que ela se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos pelos quais ela se caracteriza é o da clarividência, independente dos órgãos comuns da visão. Os que contestam o fato se fundam em que o sonâmbulo não vê sempre, e à vontade dos experimentadores, como através dos olhos. Seria de admirar que os meios sendo diferentes, os efeitos não sejam os mesmos? Seria racional buscar efeitos semelhantes, quando não existe o instrumento? A alma tem as suas propriedades, como os olhos tem a deles; é preciso julgá-los em si mesmos, e não por analogia.

A causa da clarividência do sonambulismo magnético e do sonambulismo natural são a mesma: um atributo da alma, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós, e que não tem limites além dos que são assinalados à própria alma. O

sonâmbulo vê em toda parte a que sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a distância.

No caso da visão a distancia, o sonâmbulo não vê as coisas do lugar em que se encontra o seu corpo, a semelhança de um efeito telescópico. Ele as vê presentes, como se e stivesse no lugar em que elas existem, porque a sua alma lá se encontra realmente; eis porque o seu corpo fica como aniquilado e privado de sensações, até o momento em que a alma se reapossar dele. Essa separação parcial da alma e do corpo e um estado anor mal, que pode ter uma duração mais ou menos longa, mas não indefinida. Essa a causa da fadiga que o corpo experimenta, após um certo tempo, sobretudo quando a alma se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito não sendo circunscrita e não tendo sede determinada, isso explica porque os sonâmbulos não podem assinalar para ela um órgão especial: eles vêem porque vêem, sem saber por que nem como, pois a vista não tem, para eles, como Espíritos, lugar próprio. Se eles se reportam ao corpo esse lugar parece estar nos centros em que a atividade vital é maior, principalmente no cérebro, ou na região epigástrica, ou no órgão que, para eles, é o ponto de ligação mais intenso entre o Espírito e o corpo.

O poder de lucidez sonambúlica não é indefinido. O Espírito, mesmo quando completamente livre, é limitado em suas faculdades e em seus conhecimentos, segundo o grau de perfeição que tenha atingido; e é mais ainda, quando ligado a matéria, da qual sofre a influência. Essa a causa por que a clarividência sonambúlica não é universal nem infalível. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais a desviem do fim proposto pela natureza e a transformem em objeto de curiosidade e de experimentação.

No estado de desprendimento em que se encontra o Espírito do sonâmbulo, entra ele em comunicação mais fácil com os outros Espíritos, encarnados ou não. Essa comunicação se estabelece pelo contato dos fluidos que compõem o perispírito e servem de transmissão ao pensamento, como o fio à eletricidade. O sonâmbulo não tem, pois, necessidade de que o pensamento seja articulado através da palavra: ele o sente e adivinha; é isso que o torna eminentemente Impressionável e acessível às influências da atmosfera moral em que se encontra. É também por isso que uma influência numerosa de espectadores, e sobretudo de curiosos mais ou menos malévolos, prejudica essencialmente o desenvolvimento de suas faculdades, que, por assim dizer, se fecham sobre si mesmas e não se desdobram com toda a liberdade, como na intimidade e num meio simpático. A presença de pessoas malévolas ou antipáticas produz sobre ele o efeito do contato da mão sobre a sensitiva .

O sonâmbulo vê, ao mesmo tempo, o seu próprio Espírito e o seu corpo; eles são, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência espiritual e corporal, confundidos, entretanto, pelos laços que os unem. Nem sempre o sonâmbulo se da conta dessa. situação, e essa dualidade faz que freqüentemente ele fale de si mesmo como se falasse de uma pessoa estranha. É que num momento, o ser corporal fala ao espiritual, e noutra é o ser espiritual que fala ao ser corporal.

O Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiências em cada uma de suas existências corpóreas. Esquece-os, em parte, durante a sua encarnação numa matéria demasiado grosseira, mas recorda-os como Espírito. É assim que certos sonâmbulos revelam conhecimentos superiores ao seu grau de instrução, e mesmo a sua capacidade intelectual aparente. A inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, em seu estado de vigília, não permite, portanto, prejulgá-lo nada sobre os conhecimentos que ele pode revelar no estado lúcido. Segundo as circunstâncias e o objetivo que se tenha, em vista, ele pode hauri-los na sua própria experiência, na clarividência das coisas presentes, ou nos conselhos que recebe de outros Espíritos; mas, como o seu próprio Espírito pode ser mais ou menos adiantado, ele pode dizer coisas mais ou menos justas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, seja natural, seja magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma, e nos faz assistir ao espetáculo sublime da sua emancipação; por esses fenômenos, ela nos abre o livro do nosso destino. Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que ele o vê, mas não pelos olhos do corpo; vê-se a si mesmo no local, e para lá se sente transportado; lá existe, portanto, qualquer coisa dele, e essa qualquer coisa, não sendo o seu corpo, só pode ser a sua alma ou seu Espírito. Enquanto o homem se extravia nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, na busca das causas de nossa existência moral, Deus põe diariamente sob os seus olhos e sob as suas mãos os meios mais simples e mais patentes para o estudo da psicologia experimental.

O êxtase é o estado pelo qual a independência entre a alma e o corpo se manifesta da maneira mais sensível, e se torna, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo a alma erra pelos mundos terrestres; no êxtase, ela penetra um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos com os quais entra em comunicação, sem entretanto poder ultrapassar certos limites, que ela não poderia transpor sem romper inteiramente os laços que a ligam ao corpo. Um fulgor resplandecente e inteiramente novo a envolve, harmonias desconhecidas na Terra a empolgam, um bem-estar indefinível a penetra: ela goza, por antecipação, da beatitude celeste, e pode-se dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.

No estado de êxtase o aniquilamento do corpo é quase completo; ele só conserva, por assim dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma não se liga a ele mais que por um fio, que um esforço a mais poderia romper sem remédio.

Nesse estado, todos os pensamentos terrenos desaparecem, para darem lugar ao sentimento puro que é a própria essência do nosso ser imaterial. Todo entregue a essa contemplação sublime, o extático não encara a vida senão como uma parada momentânea; para ele, os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo não são mais que fúteis incidentes de uma viagem da qual se sente feliz ao ver o termo.

Acontece com os extáticos o mesmo que com os sonâmbulos sua lucidez pode ser mais ou menos perfeita, e seu próprio Espírito, conforme for mais ou menos elevado, é também mais ou menos apto a conhecer e a compreender as coisas. Verifica-se neles as vezes, mais exaltação do que verdadeira lucidez, ou, melhor dito, sua exaltação prejudica a lucidez; e por isso que suas revelações são freqüentemente uma mistura de verdades e erros, de coisas sublimes e de coisas absurdas, ou mesmo ridículas. Espíritos inferiores aproveitam-se muitas vezes dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando não se sabe vencê-la, para dominar o extático, e para tanto se revestem aos seus olhos de aparências que o mantém nas suas idéias preconceitos do estado de vigília. Este é um escolho, mas nem todos são assim; cabe-nos julgar friamente e pesar as suas revelações na balança da razão.

A emancipação da alma se manifesta às vezes no estado de vigília, e produz o fenômeno designado pelo nome de dupla vista, que dá aos que o possuem a faculdade de ver, ouvir e sentir além dos limites dos nossos sentidos. Eles percebem as coisas ausentes, por toda parte, até a alma onde possa estender a sua ação; vêem, por assim dizer, através da vista ordinária, como por uma espécie de miragem.

No momento em que se produz o fenômeno da dupla vista, o estado físico é sensivelmente modificado: os olhos tem qualquer coisa de vago, olhando sem ver, e toda a fisionomia reflete uma espécie de exaltação. Consta-se que os órgãos da visão são alheios ao fenômeno, ao verificar-se que a visão persiste, mesmo com os olhos fechados.

Esta faculdade se afigura, aos que a possuem, tão natural como a de ver: consideram-na um atributo normal, que não lhes parece constituir exceção. O esquecimento se segue, em geral, a essa lucidez passageira, cuja lembrança se torna cada vez mais vaga, e acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da dupla vista varia desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. No estado rudimentar, ela dá a algumas pessoas o tacto a perspicácia, uma espécie de segurança nos seus atos, a que se pode chamar a justeza do golpe de vista moral. Mais desenvolvida, desperta os pressentimentos, e ainda mais desenvolvida, mostra acontecimentos já realizados ou em vias de realização.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista, não são mais do que variedades ou modificações de uma mesma causa. Esses fenômenos, da mesma maneira que os sonhos pertencem uma ordem natural. Eis por que existiram desde todos os tempos: a História nos mostra que eles foram conhecidos, e até mesmo explorados, desde a mais alta Antigüidade, e neles se encontra a explicação de uma infinidade de fatos que os preconceitos fizeram passar como sobrenaturais. (*)

(*) NOTA DE J. HERCULANO PIRES: Todos estes fenômenos estão hoje cientificamente provados pelas pesquisas parapsicológicas, embora certos pesquisadores pretendam fazê-los “acomodar-se ao materialismo”. Veja-se o que diz, a respeito dessa acomodação, a resposta à pergunta 446 deste livro .